



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C198 Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-455-9
DOI 10.22533/at.ed.559190507

1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822) Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985) Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892 Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Maximiliano Ruste Paulino Corrêa

Universidade Estadual de Goiás, Departamento
de História.
Anápolis - GO.

RESUMO: Classificado por Camara Cascudo como “mito universal” em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o mito do licantropo ultrapassa séculos e continentes. O seguinte trabalho se propõe a analisar as influências que permitiram a formação e caracterização do mito em Portugal, assim como o alcance da influência portuguesa da construção do mesmo mito em solo brasileiro e sua permanência após a reformulação constante do mito em território nacional. Nesse contexto, as novas mídias sociais desempenharão um papel fundamental no compartilhamento, discussão e constante propagação de relatos acerca da figura do lobisomem. Para além, esmiuçaremos pontos relevantes para uma maior compreensão do mito em pauta desde Roma, perpassando pela antiga Hélade, chegando por fim à sua versão portuguesa e sua mais recente formulação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: lobisomem, Portugal, Brasil, tradição, mídias.

ABSTRACT: Classified by Camara Cascudo as “universal myth” in its *Dictionary of Brazilian*

Folklore, the lycanthrope myth goes beyond centuries and continents. The following work proposes to analyze the influences that allowed the formation and characterization of the myth in Portugal, as well as the scope of the Portuguese influence of the construction of the same myth in Brazilian soil and its permanence after the constant reformulation of the myth in national territory. In this context, the new social media will play a fundamental role in the sharing, discussion and constant propagation of reports about the werewolf figure. In addition, we will explore relevant points for a better understanding of the myth in question since Rome, passing through ancient Hellas, finally reaching its Portuguese version and its most recent Brazilian formulation.

KEYWORDS: werewolf, Portugal, Brazil, tradition, media.

Quando a meia-noite / Me encontrar
junto a você / Algo diferente vou
sentir / Vou precisar me esconder /
Na sombra da lua cheia / Esse medo
de ser / Um vampiro, um lobisomem /
Um saci-pererê

Almôndegas, *Canção da meia-noite*

Uma vez à parte a licença poética, a canção do quarteto gaúcho Almôndegas não se coloca de forma díspar à lenda do homem-lobo: popularizada nos anos 70 pela aclamada

novela Saramandaia, do imortal dramaturgo Dias Gomes, a música foi tema dos hábitos notívagos do lobisomem e professor Aristóbulo Camargo, personagem de Ary Fontoura. A telenovela, assim como a canção, aborda com entusiasmo a presença da meia-noite no mito do lobisomem, apontando-a como o momento exato para a transformação do mesmo.

Meia-noite. Horário tradicionalmente associado ao terror e às barbáries do submundo no imaginário ocidental: o meio da noite, ápice da ação das trevas no “Mundo”, ou seja, o mundo material, dos afazeres cotidianos, em oposição ao mundo sobrenatural, regido por suas próprias regras concomitantemente dependentes da temporalidade do mundo material e a rotina que este evoca, pois como bem coloca Eliade (1991: 7) ao tentar esclarecer a questão e dar forma a um conceito tão complexo e extensamente debatido quanto o mito, “en suma, los mitos describen las diversas, y a veces dramáticas, irrupciones de lo sagrado (o de lo ‘sobrenatural’) en el Mundo”. Destarte, o “avançar” do lobisomem sobre o Mundo ocorre através de uma estrutura baseada na abstração do tempo feita pelo homem: a meia-noite, “o *limiar* entre um dia e outro” (MACHADO; MESQUITA, 2011: 169), denotando a dependência do real para a construção do imaginário.

A tradição e visão acerca da meia-noite, contudo, não foi criada em solo brasileiro, mas sim herdada do fabulário português, juntamente aos seres que compõe seu cenário. Logo, o lobisomem é uma das muitas criaturas a habitar as trevas do meio da noite e das horas que seguem pela madrugada, afugentadas somente pelo primeiro raio de sol ou ainda pelo cantar do galo. O objetivo desse estudo é patentemente analisar a tradição do lobisomem português e suas influências no Brasil, observando as transformações do mito em território nacional e a maneira como tal situação promove a permanência do mito.

O lobisomem como o conhecemos é originário de Roma, que por sua vez sofreu fortemente a influência de seus vizinhos árcades, responsáveis pelo mais arcaico relato de um homem-lobo: Licaon, rei da região da Arcádia que veio a desagradar a Zeus – sendo as razões para isto variadas dependendo da versão, indo desde uma louca tentativa do rei em assassinar Zeus até sua audácia em lhe servir carne humana – que veio a castiga-lo, transfigurando-o em forma vulpina, na qual permaneceria para sempre, podendo regressar à forma anterior caso resistisse por dez anos à tentação de ingerir carne humana. Analisando estas últimas afirmações, percebemos que a tradição árcade em muito se afasta da versão brasileira do lobisomem que depende dos ciclos lunares e semanais para sua transformação como veremos posteriormente, aproximando-se somente na ideia de transformação por castigo em algumas regiões brasileiras, como no Sul e Sudeste, e pequenas partes do Centro-Oeste, embora o elemento da transitoriedade da mutação possua maior peso na questão, visto que mesmo enquanto ferramenta punitiva, a transformação do homem em lobo nesses parâmetros no Brasil e mesmo em Portugal é fruto da ética cristã, religião que tem por base o ciclo da culpa, arrependimento e redenção, fazendo uso constante ao longo

da história de lendas e afins com funcionalidade moral. Nesse contexto reelaborado, o homem que ficar dez anos sem comungar, se confessar ou mesmo tocar em água benta, não escapa da sina, assim como aquele que faltar com respeito a pais e padrinhos; não havendo mulheres-lobo na cultura brasileira, a mulher que agir do mesmo modo acabará por se transformar em bruxa.

Posto isso, observemos então a tradição romana banhada pela figura do lobo, uma vez que, segundo sua tradição popular, uma loba haveria amamentado os míticos fundadores de Roma: os gêmeos Rômulo e Remo. Segundo Cascudo (2016: 154) seria o árcade Evandro o responsável por levar à Roma o culto do lobisomem que seriam a base para a consagração da imagem do lobo e serviriam de base para os *lupercais* – festivais anuais em homenagem à Luperca, mãe-loba adotiva de Rômulo e Remo – dando vazão à criação do versipélio lupino em Roma. O autor assim explica os procedimentos ritualísticos do festival e sua simbologia:

As lupercais, festa dos lobos, segundo Plutarco, realizavam-se no dia mais funesto de fevereiro, nome que mesmo diz ser “expiativo”. O dia das lupercais (15 de fevereiro) era chamado februa. O ponto de partida era a gruta perto da figueira Ruminal, dado como sítio da criação de Rômulo e Remo pela loba. Abatiam cabras e cães. Os sacerdotes tocavam com as lâminas tintas do sangue oblacional na face dos moços. Seminus, apenas com um cinturão feito da pele do lobo, empunhando correias da mesma pele, sujas de sangue, os lupercais corriam uivando pelas ruas de Roma, açoitando os transeuntes. As mulheres vinham ao encontro da flagelação ritual porque afastava a esterilidade e os partos seriam propícios. Essa festa de purificação é, evidentemente, um vestígio de culto orgiástico, de propiciatório aos mistérios da fecundação e gestação normal. O mês de fevereiro vem de februa, purificar, mas o radical é februa, nome das correias que batiam as mais lindas matronas de Roma. Fevereiro era o último mês do velho ano romano. Fechava-se a marcha da vida com essa purificação sob a égide dos lobos. (CASCUDO, 2012: 154)

Percebe-se, através do caráter dito “expiativo” do ritual a quebra com a proposta helena da transformação através do castigo e a construção da transformação voluntária do sujeito em lobo. Contudo, alguns folcloristas nos rememoram que determinados autores gregos, como Heródoto, Plínio e Pompônio Mela mencionam os versipélio lupinos em meio às suas obras (BERING-GOLD, 2008: 22; CASCUDO, 2012: 154-156). Plínio, em sua *História Natural*, traz à público a história de um homem entre os da família dos Anteus que, levado a um lago o atravessa a nado, transmutando-se em lobo ao atingir a margem contrária, podendo retornar à forma humana somente ao atravessar novamente o lago e tocar na margem de partida havendo passado nove anos, desde que não ingerisse sangue humano em sua forma lupina. Heródoto e Pompônio Mela falam ainda dos Neuros, feiticeiros com a capacidade de se transfigurarem em lobos uma vez ano, permanecendo assim por alguns dias. Não há, contudo, ligações registradas entre estes relatos e a nova versão crescente da lenda em Roma, sendo muito posteriores à mitológica figura de Evandro, que havendo existido ou não, é um marco temporal da emigração do culto lupino da Arcádia, ou seja, anterior a própria

fundação de Roma.

Sob o governo de Nero teremos, então, o primeiro relato registrado dessa versão que nascia no imaginário romano, o “lobisomem-versipélico”: Petrônio, em seu *Satiricon*, nos brinda com a assombrosa história de Nicero em meio ao banquete de Trimalcion, na qual este narra os apuros acometidos ao peito pelo que vivenciou ao retornar para casa com um soldado que este ignorava se tratar de um licantropo.

Nous nous mettons en route au premier chant du coq (la lune brillait, et on y voyait clair comme en plein midi). Chemin faisant, nous nous trouvâmes parmi des tombeaux. Soudain, voilà mon homme qui se met à conjurer les astres; moi, je m'assied, et je fredonne un air, en comptant les étoiles. Puis, m'étant retourné vers mon compagnon, je le vis se dépouiller de tous ses habits, qu'il déposa sur le bord de la route. Alors, la mort sur les lèvres, je restai immobile comme un cadavre. Mais jugez de mon effroi, quand je le vis pisser tout autour de ses habits, et, au même instant, se transformer en loup. Ne croyez pas que je plaisante; je ne mentirais pas pour tout l'or du monde. Mais où dond en suis-je de mon récit? m'y voici. Lorsqu'il fut loup, il se mit à hurler, et s'enfuit dans les bois. (PETRÔNIO *apud* CASCUDO, 2012: 156)

O cenário apontado por Petrônio, composto por túmulos e banhado por uma lua que iluminava tal qual o meio dia – torna-se então possível uma suposta associação com a lua cheia – assim como todo o processo de transformação do licantropo são os mesmos que viriam a compor o imaginário português e brasileiro acerca do mito. A partir de 218 a.C., em guerra contra os cartaginenses, os romanos iniciaram sua conquista à Península Ibérica, readequando os modos sociais e a cultura local ao seu próprio. Com efeito, uma relação direta entre a tradição romana e a lusitana torna-se mais plausível do que uma possível relação entre o mito difundido em Portugal que viria a alcançar o Brasil com os propostos gregos sobre o tema.

Em Portugal, por sua vez, o lobisomem se remodela e reconstrói pontos essenciais para a tradição romana: o que entre os romanos se configurava como um “lobisomem-versipélico”, para os portugueses transfigurar-se-á novamente e simplesmente em versipélio. Mantendo pontos estruturais como o processo de encantamento, o animal de transformação não mais será exclusivamente o lobo e sim o último animal que houver se refestelado no local da transformação, havendo uma forte tendência para a transmutação em animais típicos da zona rural, como o burro, o porco, o bode, o cão, o cavalo e etc. A razão do encantamento era pois, na cultura portuguesa, uma eventualidade: de acordo com os costumes locais, transformar-se-ia em lobisomem o último irmão após nascidas sete mulheres. Posteriormente, o mito seria reformulado de acordo com a moral e o ver cristão, passando também a sofrer com o fadário aquele que fosse fruto de um incesto.

O ritual de transformação, com pequenas diferenças daquele explanado por Petrônio, era realizado da seguinte maneira: o candidato a licantropo se despiria onde algum animal havia se despojado, deitar-se-ia no local e logo se poria a girar até que se levantasse na forma de bicho e saísse a correr seu fado, rogando aos berros que

Ihe salvem de sua sina ou amaldiçoando quem encontrar em seu caminho (FINA, 2016: 78; HARRIS, 2008: 48). Existem ainda algumas versões, diferentemente da romana e da brasileira, em que o sujeito penduraria sua roupa em um pinheiro ao se despir e antes de se despojar. É tido como besta inofensiva, que corre simplesmente a cumprir seu triste destino, sendo inclusive chamado corredor no Minho e tardo em Paços do Ferreira. Na forma humana, os “lobisomens frequentemente têm a pele amarela, uma condição que pode estar ligada ao consumo excessivo de álcool e à perda de sono” (HARRIS, 2008: 48). No Brasil a figura humana do homem-lobo não é tão distinta da proposta pela cultura popular portuguesa, embora sua palidez seja recorrentemente associada a doenças hemofílicas, o que explicaria sua voluntariedade para se transformar na besta: de acordo com algumas versões, preponderantes no Nordeste e no Norte, uma vez transmutado, o lobisomem sairia em busca de sangue para beber, permanecendo vivo através disso, apesar de sua doença.

Parte interessante do mito do lobisomem em Portugal é que este se estende também às mulheres, conhecidas como lobeiras ou peeiras, que seriam ninguém menos que a sétima irmã após seis mulheres, ou seja, a sétima filha da casa. O número sete, presente tanto na versão feminina quanto na masculina do mito está, de acordo com Cascudo (2000: 518), está diretamente ligado à astrologia acádica ou caldaica. Estas, por sua vez, não assumem a forma vulpina ou saem a correr pelas madrugadas: são simplesmente protegidas dos lobos, com quem podem se comunicar, indo morar sete anos com os mesmos. Um relato de John Latouche em solo português, porém, apresenta características únicas em relação à versão feminina do mito, em que ela se metamorfoseia e, para maior espanto, na rara forma de lobo, lembrando que o lobisomem português costumava, ao contrário, transformar-se em animais rurais domésticos, principalmente o burro e o jumento.

At this very instant the moon rose, and we saw a huge brown wolf standing over the body of the child, his fangs bloody, and his eyes looking like fire. (...) They buried her where she lay, and the ‘wise woman’, who came to look at her, said she had the mark of the lupis-homem on her breast quite plain, and was evidently a servant of the Evil One. The woman said that if she had seen the girl’s eyes she could have told at once what she was, for the lupishomems all get to have the long, narrow eyes and savage look of the wolf. (LATOUCHE *apud* FINA, 2016: 77)

A passagem narra duas cenas distintas: o momento em que flagram o ataque da peeira ao recém-nascido e seu exame *post-mortem* por parte de uma “mulher sábia”, tratando-se provavelmente da anciã local, responsável por guardar, propagar e quando necessário, retocar o mito. Esta ainda afirma que, caso houvesse visto os olhos da fera ainda com vida, seria capaz de afirmar do que se tratava: lobisomem ou não-lobisomem? O ponto essencial, na realidade, é presença marcante dos olhos do lobisomem enquanto característica própria, marcante, que seria um elemento chave na construção do lobisomem brasileiro, possuidor de olhos igualmente característicos. Para fins explicativos, o sangue do recém-nascido é, de acordo com o mito, uma das

maneiras de se desencantar do fado de lobisomem.

O lobisomem alcança, por fim, as terras brasileiras. Como em Portugal, o mito mais uma vez se reinventa em certos pontos e ao mesmo tempo retoma antigas características: mais uma vez retorna à forma vulpina, porém com destaque para as várias características humanas que se mantêm após a transformação, diferentemente do lobisomem europeu até então. Apesar da associação à figura do lobo, o lobisomem brasileiro é recorrentemente descrito como um cão negro do tamanho de um bezerro, com enormes olhos amarelos – são bem raros os relatos, sendo estes de maioria sulista, em que o lobisomem possui olhos vermelhos – e pernas tortas, como que quebradas ou com os joelhos invertidos, sendo recorrente em seus relatos de “avistamento” (como bem coloca o sertanejo) sua locomoção em quatro patas, dada a dificuldade em caminhar sobre as duas traseiras, que são desproporcionalmente maiores que as dianteiras.

Três características da composição física desse ser mítico são marcantes e no mínimo curiosas: suas enormes orelhas caídas, que se batem enquanto o “bicho” – como normalmente se referem ao ente – corre a cumprir seu fado; seu focinho, que pode ser tanto canino como o de um porco; e por fim sons que este produz em sua corrida desenfreada, que em nada lembram o uivo ouvido por Nicero naquela noite entre os túmulos, mas sim variam desde grunhidos a zurros e relinchos. Essas três características podem ser conotadas como herança do lobisomem português, regularmente relacionado a animais domésticos do ambiente rural e simultaneamente explicitar de forma direta o novo título que vem sendo empregado ao lobisomem, como “cavalo do cão”, pois de acordo com o folclore brasileiro, uma das formas de se transformar em lobisomem era através de pactos realizados com Satanás para poder “se virar no bicho”. Para além, como já foi citado previamente, o lobisomem brasileiro herda do folclore português seus métodos de transformação, como o oitavo filho após sete filhos ou filhas – sendo majoritariamente comum sete filhas – ou ainda frutos de incesto, lembrando que relações entre compadre e comadre também contam nesse contexto. Outros pontos de fuga às tradições católicas, como já foi abordado anteriormente, também levavam à sina. Não há no Brasil a presença do segmento feminino da lenda, sendo normalmente associadas à figura da bruxa, da mula-sem-cabeça ou da cumacanga em partes do Norte.

No caso do oitavo filho, para que ele não venha a se transformar na fera, deve ser batizado pelo (a) primogênito (a) da família, devendo posteriormente apadrinhar o irmão que lhe batizou em sua crisma. Por outro lado, para que se desencante a fera, só é necessário que se faça *merejar* uma gota de seu sangue, ou seja, que através de qualquer artifício ou instrumento – faca, canivete ou quaisquer objetos cortantes – lhe arranquem uma gota de seu sangue; mas que este não se suje com seu sangue, ou atrairá sobre si a maldição daquele que almejou desencantar. Há ainda que ter coragem, pois uma vez desencantando, o lobisomem não poupará energias em assassinar a única testemunha de sua sina e maior segredo. Para manter afastado o

lobisomem, basta deixar às portas e porteiras o signo Salomão, estrela de seis raios feita com dois triângulos cruzados. Ambas as situações se repetem no que tange à lenda da bruxa.

Diferentemente do lobisomem anglo-saxão, frágil ante a prata, a única forma conhecida de se matar um lobisomem no Brasil é com uma bala besuntada em cera de vela de altar que se tenha celebrado três missas de Natal. Quanto ao ritual para a transformação, em pouco se diferencia da versão portuguesa.

A única e sabida técnica para alguém tornar-se Lobisomem é espojar-se num cruzamento de caminho, onde os animais se espolinham. Mas a cerimônia é lenta e tem outros requisitos. Na noite de quinta para o dia de sexta-feira, despido numa encruzilhada, o homem dá sete nós em sua roupa e, em algumas partes, urina em cima. *At ille circumminxit vestimenta sua*, escreveu Petrônio. Deitando-se ressupino, estende os cotovelos para frente, dobrando o mais possível as pernas, os joelhos se acusam em ângulo agudo com a tíbia. Não soube se há alguma oração. Nesta atitude rebolca-se violentamente, sempre da esquerda para a direita, imitando o mais fielmente possível a voz do animal em que se vai encantar. Depois de certo espaço de tempo, o Lobisomem ergue-se de onde se deitara o homem. Parte em desabalada carreira, rosnando alto, batendo estridentemente as amplas e balouçantes orelhas, rilhando a dentuça enorme. Correrá das onze às duas da madrugada. O primeiro cantar do galo fá-lo voltar, como um raio, ao espojadoiro onde se desencantará, rebolando-se da direita para a esquerda. (CASCUDO, 2012: 163).

A cerimônia, descrita com detalhes pelo folclorista comprova a herança direta da versão romana no Brasil, através da tradição portuguesa, demonstrando ainda a complexificação e detalhismo de elementos estruturais do mito após atravessar tantos séculos e limites territoriais, ou colocando de forma mais clara e contundente com a linguagem da cultura popular aqui analisada: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. A travessia de séculos do lobisomem acrescentou diversos, variados e por vezes conflitantes detalhes à sua lenda; exemplo claro disso é a presença da lua cheia enquanto elemento essencial para a transformação do versipélio: em certos casos transforma-se a fera às sextas-feiras de lua cheia, em outros, transforma-se nas noites de quinta para sexta-feira, impreterivelmente uma vez por semana. Em outras ainda, transforma-se por dias seguidos ou mesmo todas as noites, sem uma métrica pré-estabelecida ou relações com as fases da lua. Outro ponto debatido, como já foi apontado, é horário em que corre a fera em seu fado; esta, porém, é de fácil associação ao imaginário português pois, como explica Fina,

Até meados do século e em alturas de contenção econômica, como já referimos, a iluminação era desligada a partir da meia-noite, o que muito contribuía para a insegurança dos transeuntes e constituía muitas vezes motivo para ficarem em casa. (FINA, 2016: 147)

Logo, a aproximação entre a escuridão e o fado do lobisomem torna-se plausível; posto isso, o sertanejo brasileiro que possui como relógio o movimento do sol e da lua

não recorrerá à fatídica meia-noite dura, havendo uma margem de erro na qual, como Cascudo (2012) aponta, o processo de transformação ocorreria entre as onze horas e a meia-noite.

Em tal conjuntura, destacam-se atualmente as mídias sociais como a mais moderna forma de ampliação e revisão do fabulário brasileiro, permitindo perceber através dos mais abundantes relatos as discrepâncias e variações dos mitos, principalmente ao se levar em consideração a presença de outros povos na construção da cultura brasileira – como os alemães, espanhóis, franceses, italianos e até holandeses – enquanto imigrantes ou mesmo propensos colonizadores, situação que, embora observada por Cascudo (2012) em sua *Geografia dos Mitos Brasileiros*, por exemplo, é pouco considerada e analisada. Para dar maior clareza ao que foi aqui proposto, tomemos por base a rede de compartilhamento de vídeos YouTube e sua crescente onda de canais que visam o recolhimento de causos para que estes sejam narrados através de vídeos em canais como *Assombrado.com*, *Fatos de Terror*, *Assombrados e Assustados*, *Além da Imaginação Real*, *Fascinados por Lobisomens*, *Nem Faz Medo* e outros mais.

Cascudo (2000: 400), propõe que o folclore nada mais é do que “a cultura popular, tornada normativa pela tradição”, complementando ainda que

(...) não apenas conversa, depende e mantém os padrões imperturbáveis do entendimento e ação, como também remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas sequências ou presença grupal. (CASCUDO, 2000:400)

Ou seja, o folclore está sujeito a se readaptar e reformular-se constantemente, permitindo que seus costumes e crenças prossigam até que se esvaziem totalmente de sentido para o grupo ao qual pertencem. Exemplo claro disso é da mula-sem-cabeça, mito ibérico de funcionalidade moral que vem perdendo espaço devido a mudança de paradigma na imagem sociocultural dos sacerdotes católicos. Ao contrário da ideia geralmente ligada ao termo folclore, do resgate de tradições velhas e desgastadas, que não possuem espaço no novo ambiente histórico, o folclorista pondera que

Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclórico. Desde que o laboratório químico, o transatlântico, o avião atômico, o parque industrial determinem projeção cultural no plano popular, acima do seu programa específico de produção e destino normais, estão incluídos no Folclore. (...) Não apenas contos e cantos, mas a maquinaria faz nascer hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, indumentária, sátiras, lirismo, assimilados nos grupos sociais participantes. (CASCUDO, 2000: 401)

À vista disso, é possível afirmar que o folclore, enquanto produto das relações humanas e suas atividades diárias passa por um remodelamento constante, acompanhando inclusive o avanço do pensamento científico, como bem elucidada Fina (2016). Como foi posto, o Folclore acompanha o avanço tecnológico, quadro nítido no que concerne as novas mídias sociais e a alíquota do Folclore composta por lendas e

mitos, indo desde redes de compartilhamento à aplicativos destinados à proliferação dos mesmos. Estes, contudo, não se resumem à causos ou contos recentes, havendo casos de meados do século XX, de seu meio ou início, como é o caso do “Meu tio lutou com um lobisomem”, apresentado pelo canal do YouTube *Assombrado.com*, no qual o protagonista do caso ao relatar um encontro violento com a besta no ano de 1958, no Ceará, demonstra a capacidade de adaptação e variação do mito, recorrendo a elementos como a bala de prata como único meio para matar o lobisomem e abrindo mão do *marejar* do sangue como modo de desencantamento da fera, fazendo uso, ainda sim, de componentes tradicionais do mito como o grunhir enquanto som produzido pelo ser mítico. O relato também entra em conflito com a figura do lobisomem inofensivo proposto por Fina (2016) e Ribeiro (2012).

Para além, é possível através dos mesmos compreender que apesar do intenso e explosivo êxodo rural e urbanização ocorridos no Brasil a partir da década de 50 do século XX, a locomoção foi material e não ideológica: o sertanejo leva para o cenário urbano todos os seus costumes e crendices, mantendo assim viva a tradição apesar da mudança de ambiente, como é claramente abordado em “A Noite do Lobisomem”, que tem por cenário a cidade Quirinópolis (Goiás) e nos é apresentado pelo canal *Nem Faz Medo*: o vídeo relata a noite em que dois policiais da cidade se deparam com uma grande fera que é tão logo associada ao mito. Prova mais contundente dessa afirmação, entretanto, é a larga existência de locais em meio a tais mídias dedicados ao compartilhamento e proliferação do mito, apesar da maior parte dos brasileiros viverem na zona urbana.

Vencendo as barreiras do tempo e do espaço, o mito do licantropo alcança finalmente o Brasil, onde conquista o imaginário popular e assombra os corações dos brasileiros, novamente se remodelando para se adaptar à realidade local, adotando uma forma mais humanizada e consciente, ainda que bestial e que, através das novas mídias sociais, em um movimento inerente ao Folclore, se reformula mais uma vez e ganha espaço em um mundo cada vez menos disposto a dar atenção para mitos e fábulas, garantindo assim sua conservação e alcance para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

A NOITE do lobisomem. *Nem Faz Medo*. **YouTube**. 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2uTtRfabM&t=88s>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BARING-GOULD, Sabine. **O Livro dos Lobisomens**. São Paulo: Aleph, 2008.

CASCUDO, Luis da Camara. A Princesa do Sono Sem Fim. In: CASCUDO, Luis da Camara. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2014.

CASCUDO, Luis da Camara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CASCUDO, Luis da Camara. Lobisomem. In: _____. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo:

Global, 2012. p. 153-167.

DALBEN, Ana Luísa Gusmão da Rocha. Factualidade x Realidade: um estudo sobre os relatos que contribuíram para a origem dos criadores de lobisomens. **Colloquium Socialis**, Presidente Prudente, v. 01, n. Especial, p.400-405, jan/abr 2017.

ELIADE, Mircea. **Mito y realidade**. Barcelona: Labor S.A., 1991.

FINA, Rosa Maria Canarim Rodrigues. **Portugal nocturno e a ameaça do dia**: A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016.

HARRIS, Mark. O lobisomem entre índios e brancos: o trabalho da imaginação no Grão-Pará no final do século XVIII. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 47, p. 29-55, set. 2008.

MACHADO, Eva e MESQUITA, Armando. A figura da bruxa e suas práticas em contos da tradição oral transmontana. In: GONÇALVES, Henriqueta Maria (org.). **Vozes Transmontano-Durienses**. Vila Real: CEL, 2011. p. 165-191.

MEU tio lutou com um lobisomem. Assombrado.com. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AuVJEVfmqVo&t=393s>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

RIBEIRO, Angelita Soares. O Lobisomem: o cumprimento de um fado. In: RIBEIRO, Angelita Soares. **Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos – Colônia Z3, Pelotas**: Etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas. Pelotas: UFP, 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

